

O homem, o vivente histórico

Gilvan Fogel¹

**...me vinha idéia de tudo só ser o passado no futuro.
Imaginei êsses sonhos. Me lembrei do não-saber.
(JGR, Grande Sertão: Veredas,p.303)**

**Tempo é a vida da morte: imperfeição.
(Idem, p. 445)**

Resumo

O texto a seguir procura pensar a pergunta “O que é o homem?” desde a sua essência tomada como História. Para tanto, será decisivo também o pensamento acerca do entrelaçamento de História, liberdade e verdade, que se revelarão a partir do que é nomeado de transcendência.

Palavras-chave: Homem, Transcendência, História, Liberdade e Verdade.

Abstract

The following text aims to understand the question “What is the Man” from its essence viewed as History. Therefore, it is also crucial the thought surrounding the interlacement among History, freedom and truth, which will reveal itself as transcendence.

Keywords: Man, Transcendence, History, Freedom and Truth

1. Professor titular de filosofia da UFRJ.

1. Pergunta-se “o que é o homem?” e já se tem a certeza que será, que *precisa* ser uma ciência que dará a resposta. E também que, em dando a resposta, estar-se-á preenchendo a expectativa do *quê*, do *quid*, criada pela pergunta, a saber, o homem é, será um *isso*, um *algo*, uma *substância*. Ele deve ter um caroço, um miolo, uma *essência* ou *natureza*.

As ciências, porém, quaisquer que sejam, não dão conta do homem, isto é, de sua compreensão, de sua determinação *essencial*. Nenhum laboratório há de responder a esta pergunta. O laboratório, a pesquisa científica estará sempre atrás e à margem, i. é, marginalizada em relação à questão — correndo atrás, pesquisando. Determinações científicas, p. ex., da física, da química, da biologia, da biofísica ou da bioquímica, da fisiologia ou da neurologia, da genética ou da biologia molecular — enfim, tais determinações científicas, de modo geral, tomando um aspecto da realidade homem, não são falsas, mas nenhuma, por um lado, vai ao encontro da *hominidade* do homem e, por outro, em não sendo falsas, não são, porém, *primárias*, uma vez que são, serão sempre tardias e, neste sentido, derivadas, secundárias. Isso quer dizer: tais determinações ou compreensões chegam, chegarão sempre atrasadas, *pois o homem sempre já terá acontecido*². A *matéria*, a *substância* do homem — o seu *quid*, a sua *quiditas*, *essência* ou *natureza* — é uma *coisa*, um *negócio* chamado história. Tempo. Não *substância*, mas história, tempo, é o *miolo*, o *tutano* do homem — portanto, *substância* ou *miolo* algum. Alguém dirá imediatamente: “Ah, então é a história, a ciência histórica que deve dar conta do homem, compreendê-lo, defini-lo”. Não.

Vamos quixotear com o tema e também quixotizá-lo.

2. Dissemos: toda investigação, toda pesquisa científica chegará sempre atrasada, pois o homem sempre já terá, *antes*, acontecido. O que quer dizer isso? Mesmo e, sobretudo, se tomamos a clássica, a tradicional definição do homem como “o animal racional”. Nem animal, i.é, animalidade, e nem razão, i. é, racionalidade, são predicados, determinações *i-mediatas* do homem, mas derivadas, tardias, isto é, não atingem sua *humanidade* ou *hominidade*. Antes, porém, que é *i-mediato*? De onde esta fala? O que está realmente em questão?

Para encaminhar a discussão, tomemos uma passagem de Platão, no *Fedro*. O contexto é o da necessidade “de fazer uma verdadeira, uma *reveladora* concep-

2. De nada vale, igualmente, nenhuma abordagem interdisciplinar. Nada de pajelança epistemológica. Afinal, uma soma e uma combinação de erros não dá uma verdade. Não se trata de partes e de somatório de partes, mas, a ficar no rastro da formulação, antes, trata-se de caracterizar o *um* que é *antes* das partes e que mesmo as *possibilita* enquanto e como partes. *Coisa* na direção de *hólón* e não de *pân*.

ção da natureza da alma, tanto divina quanto humana”. É dito, então: “Toda alma é imortal. Com efeito, tudo que se move a si mesmo é imortal, enquanto o que, movendo outra coisa, é ele próprio movido por outra coisa, deixa de existir quando cessa seu movimento... Um princípio é algo in-engendrado (*arché dè agéneton*), pois é forçoso que, tudo que vem a ser, vem a ser a partir de um princípio, mas que o princípio mesmo provém de nada (*autén dé med’ ex enós*)”³.

Trata-se, pois, de marcar a natureza, isto é, o modo próprio de ser, de alma. Alma, *psyché*, é movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. Isso é outro nome ou o nome próprio e oportuno de *vida*. Não tanto vida biológica, mas, principalmente, vida no sentido do que *aparece* ou *se mostra* para si próprio *como tal*, isto é, como movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. E isto é o acontecimento do homem e no homem — o que, de modo algum, quer dizer que o homem seja o princípio, no sentido de sujeito ou causa, deste acontecimento. Antes, tal acontecimento, para o grego, é da ordem do divino, *isto é*, de transcendência. *Algo* que lhe sobrevém. Como?! Então o homem (a *alma*) *já* é homem antes de ser homem?! ...! E transcendência — como se dá? Transcendência é princípio, isto é, começo — *arché*. Isto quer dizer: princípio (*arché*) dá-se, acontece como transcendência, pois, ainda que só se dando e só acontecendo no e desde o principiado (no caso, o homem), trans-borda, ultra-passa o principiado — ou seja, toca-o, toma-o, acomete-o ou lhe sobrevém. Princípio ou começo (*arché*), diz o texto, não começa, não pode começar, pois começo, para ser começo e por ser começo não é gerado, é in-engendrado, ou seja, mais uma vez, começo sem começo. Ou, o que é a mesma coisa, *desde nada, graças a nada*. *De graça!* É isso que diz *salto* — súbito, imediato ou o *não gerado, o in-engendrado*. Salto, súbito, imediato é a textura da vida, a consistência do homem, melhor, de sua origem. O homem dá-se, acontece, origina-se em súbita irrupção — *salto*. Súbita ou imediatamente. Seu fundo, seu fundamento é o absolutamente sem fundo, sem fundamento, a saber, o a-byssal. Isso, a saber, esta origem ou proveniência (sem origem, sem proveniência) define, ao mesmo tempo, círculo ou circularidade e afeto, *páthos*. Círculo, circularidade, pois, ao nos darmos conta, já estamos sempre *dentro*, isto é, *inseridos* — não há *fora, antes*; e *páthos*, pois, igualmente ao nos darmos conta, nos vemos *sempre já* tocados, tomados ou *afetados* por tal acontecimento, por tal *fenômeno*.

Bem, esclareçamos este emaranhado, este feixe de insensatezes. Homem — que homem é este? Ou haverá *mais* do que *este* homem que para nós se dá no

3. Cf. Platão, *Fedro*, 245c - a tradução é um *pot-pourri*: Robin, Schleiermacher, Jorge Paleikat. Itálico G.F.

nosso frugal, trivial dia a dia?

3. O homem, a *origem* ou a *fundação* do homem aqui em questão não é a origem ou a fundação cuja fala encontramos nos tratados de evolução da espécie, nas pesquisas de paleontologia ou de paleoantropologia. Nada de *Pithecanthropus erectus*, *Neandertal* ou *Cro-Magnon*. A questão aqui não é nenhum *paleo* (antigo, primitivo), onde a preocupação seria a localização e a datação do surgimento, p.ex., fixar local e data do surgimento do *homo sapiens*. Em questão não está nem Altamira e nem Serra do Araripe. Não se trata de desvendar inscrições rupestres. Também nada de biologia, de genética, de embriologia ou de *física do cérebro*. Aqui, no caso, tudo isso é secundário, tardio, epigonal. O homem, aqui em questão, é um insólito espécime, sim, da espécie *erectus e sapiens*. É o tipo europeu, o tipo ocidental. Então, trata-se de uma compreensão/determinação ontológico/vital ou existencial do homem. E que espécime é este propriamente? Que compreensão/determinação é esta? É o homem, melhor, o modo de ser homem que irrompe na Grécia com o nascimento da filosofia, quando ele e o real aparecem ou se dão para ele (o homem) próprio *enquanto ou como tais*, isto é, *neles mesmos como eles mesmos*. É a hora da irrupção, igualmente, de *verdade* (não como correspondência ou adequação a algum estado de fato, a alguma ocorrência objetiva ou *de fato*, mas como revelação, iluminação, *alétheia*), de liberdade (não como o poder ou a faculdade de deliberação, de escolha ou de autodeterminação de um *sujeito* ou de uma vontade livre, mas como a *necessidade* de cumprimento de uma imposição a ser seguida, obedecida) e de história (não como historiografia, não como cronologia, calendário, inventário de fontes, paleontológicas ou documentais, e de datas a serem classificadas e *interpretadas*, mas como o abrir-se de um destino, isto é, de um *envio para*, a partir de cujo horizonte se fazem ou se cumprem justamente *verdade e liberdade*). Este fenômeno, a articulação que compõe este fenômeno — *isso* constitui propriamente o surgimento, a irrupção do homem.

4. Voltemos à citação do *Fedro*. A fala de inengendrado, não-gerado, para caracterizar o surgimento do homem, isto é, da *alma* humana, isto é, da vida ou da existência humana — enfim, esta fala se refere à origem súbita, imediata, ou seja, um modo de ser, que se define ou se caracteriza desde e como *salto*. E mostra-se ou evidencia-se ser inengendrado, pois se evidencia igualmente que o tempo da cronologia e da cronometria, que é o tempo do antes-agora-depois, não é, não pode ser medida para medir este acontecimento insólito, ab-rupto, de irrupção súbita, para se falar em pleonasmos. *Por isso* é a alma, a vida ou a existência humana *imortal*. “Por isso”, quer dizer, “em razão disso”, ou seja,

por ser súbito, de repente, salto ou abissal — *por isso ou em razão disso* é um acontecimento sem nenhum *por quê*, sem nenhuma *razão* ou *causa*. Em razão de nenhuma razão; por causa de nenhuma causa. Irrupção súbita, gratuita. Faz-se, dá-se, acontece *desde... nada; em razão de... nada; por causa de... nada!* Então, imortal, no sentido que o tempo do antes-agora-depois, que é a medida para, a partir do *agora*, marcar o antes e o depois, o começo e o fim, o nascimento e a morte — enfim, esta medida chega sempre *atrasada*, sempre *tarde demais*, uma vez que o que ela quer *objetivamente* medir, constatar e fixar, a saber, a origem da vida, o *começo* da existência humana, sempre já terá acontecido, quer dizer, sempre já terá se dado e, assim, terá ela, a vida ou a existência, se mostrado como a possibilidade do estabelecimento da medida disso que, *objetivamente*, quer medir. Tal acontecimento *a-byssal*, isto é, sem fundo, sem fundamento ou razão, ou seja, a irrupção de vida, da existência humana ou pura e simplesmente do homem, enfim, tal acontecimento é a *circunscrição absoluta*, de modo a ser impossível buscar ou *querer* buscar alguma instância *antes ou depois* dela. Impossível, arrogante, presunçosa, totalmente *insensata* a busca e a fixação de uma instância *fora* da vida para falar de vida, de existência. Impossível no sentido literal de impossibilidade, quer dizer, para *além* e para *fora* do possível, ou seja, sim, presunção, arrogância, *hybris*. Está aí lavrada a certidão de nascimento da vontade de ilimitado, de infinito.

E, em última ou primeiríssima instância, de que vida está se falando? Que vida, que *homem* está aqui em questão? Já foi dito, não é o homem da escala evolutiva, das variações genéticas possivelmente herdadas pelo *sapiens*, p.ex., do Neandertal. Não é o homem das medições e fixações no laboratório, da lâmina no microscópio — isso é secundário, tardio, posterior. Em questão está o acontecimento elementar que é o *despertar do homem para o homem* — o salto da vida para dentro da vida. É vida realmente se fazendo vida, isto é, movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo — *ver* isso e assim é saltar para dentro da vida. É quando ela realmente dá-se, acontece. Quer dizer, é vida saltando para a vida ou o acontecimento, a irrupção da vida para a vida, ou seja, dá-se, acontece, então, a vida da vida, a gênese de gênese. E *elementar*, pois *agora, então*, quer dizer, a partir deste acontecimento abissal, o homem passa a ser o *medium*, o *elemento* do homem — que, em última ou primeira instância, é *transcendência*, pois *salto* ou *gratuidade*, isto é, *doação*. E este elemento se concretizará como *história*, a *substância* do homem. E história enquanto e como o dar-se, o fazer-se, o realizar-se de liberdade e de verdade.

5. O que acontece quando acontece o surgimento da filosofia? O que ir-

rompe com a irrupção da filosofia? Enfim, que é propriamente filosofia? Lê-se, em Heráclito: “Pensar é a maior perfeição (excelência, *aretè*) e a sabedoria é dizer o verdadeiro (*alétheia légein*) e fazê-lo ouvindo segundo a natureza (*kaí poiein katà phýsin épáiontas*)”⁴.

A maior força, a maior virtude, a *excelência* da e na vida está no pensar e este se mostra como o abrir-se e o dispor-se a dizer, isto é, a *mostrar*, o movimento ou a dinâmica de exposição ou mostração/revelação (*desencobrimento, alétheia*) de tudo quanto é e há e isso em *ouvindo*, isto é, *seguindo* ou *obedecendo* à natureza, à *phýsis*, isto é, à gênese enquanto tal, ou seja, à gênese enquanto gênese mesma — pois foi, é visto, revelado, que real é *phýsis*, isto é, *gênese*. Ser esta estrutura ou modo de ser perfaz a *virtude, a excelência*. Ouvir não se refere chã e toscamente, isto é, *objetivamente*, tão só ao sentido da audição, mas fala justamente da disposição, da *prontidão* em seguir ou acompanhar *phýsis*, isto é, *gênese, geração* — pois foi *subitamente ou de repente*, visto que realidade é *gênese, é (auto)geração*, quer dizer, o dar-se e o fazer-se de *sentido, de lógos*. A entrega, o abandono a este acontecimento extraordinário constitui-se na *escuta de phýsis respectivamente de lógos* e justo isso, em perfazendo saber, sabedoria, perfaz própria e igualmente *pensamento, o pensar (sophronein)* — a excelência na, da vida, que, assim, se faz máxima ou plenamente vida. Entenda-se: mais ou plenamente *vida humana, homem*.

Tal entrega, tal abandono a tal acontecimento constitui-se também no dar-se ou acontecer do homem, da vida ou da existência humana enquanto e como *corpo* — e não *razão*. Assim e por isso pensamento enquanto e como corpo — o fazer-se corpo de corpo, a *encorpação*. E este é o acontecimento maior, o acontecimento da *irrupção* (ab-rupta) do homem para o homem, o *despertar súbito (salto)* do homem para o homem enquanto tal, isto é, na sua humanidade ou hominidade própria. E isso, mais uma vez, se mostra como a própria *excelência (aretè)*, pois assim e com isso o homem cumula a sua humanidade, o seu *modo próprio de ser*, quer dizer, ele realiza máxima e plenamente sua identidade, sua essência ou seu próprio — *ver* (i.é, ser no sentido e na determinação do *aparecer*) e, assim, participar, ser partícipe deste acontecimento — que é justo o que marca a sua diferença em relação a todo e qualquer outro ente ou modo de ser que não seja o próprio homem. O homem *pode* isso, a saber, *dizer o verdadeiro em ouvindo, isto é, em seguindo a natureza, ou seja, em obedecendo à sua dinâmica de aparecer ou mostrar-se* — *expor-se, auto-ex-por-se*. Assim se pensa. O homem *pode*

4. Cf. Heráclito, 112, Diels-Kranz – trad. *pot- pourri* C. Leão-B.Snell.

isso, isto é, ele *precisa*, ele não pode não ser este e segundo este modo inalienável de ser. Assim, mais uma vez, ser maximamente homem é ser partícipe *de* ou consanguíneo *com* o real. Ele cresce ou *concrece* com o real, ou seja, sua vida, sua existência, coincidindo com seu modo próprio de ser em sua realização máxima ou plenitude, faz-se ou torna-se realmente *concreta*. O dizer que diz esta dinâmica de aparição ou de mostração/descobrimto (isso é, aqui, o verdadeiro, a verdade, a *alétheia*) é mostrar justamente *porque é ouvir*, isto é, porque é obedecer à medida que *seguir* ao próprio movimento de exposição ou autoexposição, que é *phýsis*, a *natureza*, isto é, a *nascividade* (gênese) do real enquanto real — a própria realização de realidade. Isto, este modo de ser, perfaz a participação *no*, a consanguinidade *com* o real, quer dizer, a *experiência* do/no real em sua própria realização. E esta experiência é uma viagem! Viagem, *per-curso* (*empeiria* ou *Erfahrung*), uma vez que *abre e põe em movimento aquele que entra nesta experiência*, aquele que é tocado ou tomado por um tal acontecimento, por uma tal irrupção — e tocado ou tomado, pois *tocável, tomável*, isto é, *apto, propenso ou aberto para*. Esta experiência ou *viagem*, veremos, é a própria história no e como o cumprir-se de liberdade.

Esta irrupção, este acontecimento, é a *decisão*, isto é, o *abrir-se* ou o *des-fechar-se* (o *des-fechar* ou *des-tampar*, diz o alemão “das Ent-schlissen”, “der Ent-schluss”) da Europa, do Ocidente. É o acontecimento que põe Europa em marcha, em movimento para o *próprio* de Europa ou do Ocidente. A Europa em movimento, em marcha para a Europa — ouça-se: *desde tua própria experiência, vem a ser, torna-te o que tu és*. Este é, sim, o mandamento, o imperativo europeu. A história europeia, ocidental. Isso é um tema, um grande tema — com tudo que tem de grande e também de pequeno. Europa tem, Europa é a fatalidade, o *trágico* do pequeno no grande... Agora e aqui, porém, o que vai nos interessar é só e tão só a vida, a existência singularíssima de um homem enquanto e como história, ou seja, uma vida ou uma existência singularíssima esculpida, forjada numa forja que se chama *tempo*, martelada numa bigorna chamada história. *Coisa* da ferraria, da metalurgia de Hefaiсто. Em questão está *um* homem, melhor, *o* homem que é exemplarmente solidão. Solidão é a instância ou a dimensão vital-existencial na qual, desde a qual acontece criação. Em questão estará, sim, o modo próprio de ser do *tipo* criador. O tipo da *grande solidão*. O que se chama criação nada tem a ver com novismo, com o novidadeiro, com o insólito ou o exótico, mas só e tão só com a tarefa irrompida e assumida de tornar-se, de vir a ser o que é. Se for o novo no, desde o *velho* — que seja! E solidão nada tem a ver com intimismo, com solipsismo ou interiorização, mas só

e tão só com a disposição de abrir-se e entregar-se, de abandonar-se em espera, escuta e cumprimento a *um destino*, a *um envio*, isto é, à *necessidade de um tempo próprio*.

À coisa, pois.

6. Citamos, acima, a proverbial fala de Píndaro, que se fez mandamento para Nietzsche: *Vem a ser o que (quem) tu és*. Isso, a saber, esta imposição de tarefa, este imperativo de destino, pode (precisa!) tornar-se a *necessidade* de um povo. Realiza-se liberdade cumprindo-se uma tal tarefa, *submetendo-se* a uma tal necessidade. E isso fez-se a tarefa, tornou-se o imperativo e o destino do grego — *isto é*, da Europa, do Ocidente. O que Hölderlin, no *Hyperion*, denominou o destino de um povo *poiético*. Um povo *poético*, “*ein dichterisches Volk*”, é um povo *fazedor*, isto é, que *precisa fazer*, *fazer acontecer* e, então, *tecer seu destino*, *urdir seu envio* (sua história), e, assim, desde e como liberdade, *construir, moldar sua identidade, esculpir seu próprio*. É *poiético* e livre. Poético por constituição de finitude (é ela que põe e impõe ação ao vivente homem) e *porque* livre, isto é, *graças à liberdade*. E poético, quer dizer: *fazedor, realizador, cumpridor*, ou seja, *coisa* de ação, de atividade — o destino de finitude, isto é, de ser tempo, temporal. *Poiético e filosófico*, diz, disse ainda Hölderlin. Está aí um tema — um grande, i.é, um *essencial* tema: a história de um *povo* como cumprimento, *ação ou atividade* de necessidade e de liberdade. Mas, de novo, isso, aqui e agora, não nos interessa. Interessa-nos, sim, o homem, *um* homem singularíssimo como histórico, como *história*, como *uma* história — uma singularíssima história ou *própria*. Nisso e assim a sua, do homem, *substância*.

Vem a ser, torna-te o que (quem) tu és. Que não se leia este “*és*”, este “*ser*”, como um algo, como alguma coisa — algo ôntico ou entitativo. Se assim fosse, a frase estaria dizendo, segundo a lógica, uma insensatez, pois não é possível e muito menos necessário vir a ser *o que já é*. Por quê? Para quê? Como? — se pergunta o bom lógico, o bom e fidalgo burguês, p. ex., M. Jourdain, denunciando a inconsistência da proposta.

Na frase, é preciso ouvir-se em *ser*, no *és*, *poder ser*. Poder ser, isto é, *possibilidade* — *possibilidade de ser*. Então, temos: “*vem a ser, torna-te, o poder ser, a possibilidade que és, isto é, que podes ser*”. Este “*poder ser*”, melhor, tal possibilidade, *enquanto tal*, é uma dimensão vital, existencial. Logo, algo próprio ou constitutivo do homem, no homem. E, na vida, na existência, tal poder ser ou tal possibilidade (a vital, existencial), não pode não ser. Isto é, é radical necessidade e não uma mera contingência lógica (aquela, se diz, a lógica diz, *abaixo, inferior* à existência), no sentido que “*pode ser ou não*”. Por exemplo, as formas

puras a priori, de Kant, são possibilidades, condições de possibilidade, mas, à medida que, na compreensão/determinação kantiana, são dimensões constitutivas, isto é, ontológicas, da razão ou da natureza humana — à medida que assim são, tais possibilidades, tais condições de possibilidade são *necessidades*, ou seja, *não podem não ser*. Não está na *vontade*, no arbítrio ou no poder de deliberação do homem ser ou não ser tais possibilidades. Nisso, para isso o homem não é livre.

O mesmo se dá com o *poder ser* na/da frase “vem a ser o poder ser, a possibilidade que és”. E isso, a saber, tal irrevogável necessidade, faz-se ou dá-se desde o instante, desde o acontecimento revelador ou iluminador, segundo o qual se revela e se impõe que ser homem, viver ou existir é ser *poder ser*, é ser possibilidade de ser. E *como* tal revelação? *Como* tal aparição? *Quando*? Espere-mos⁵.

Tornar-se o que é, o que *já (se) é*. Melhor: vir a ser, tornar-se o *poder-ser* que é, que *já (se) é*. Isso é desconcertante, pois para vir a ser tal possibilidade, eu *já* preciso ser guiado e *determinado* por tal possibilidade. De algum modo, *antes de ser, já sou, preciso* já ser. Ou: serei o que sempre já sou, sempre já fui. Ser *antes* de ser. Isso quer dizer: tal possibilidade, que é começo, fundamento e origem, *sempre já foi, sempre já se deu, sempre já aconteceu* — *enquanto e como possibilidade*. Se assim não fosse, eu não poderia vir a ser o que sou, o que já sou. Isso e assim é posto e imposto por *salto*, por *i-mediatidade* — então, pela forma, pela estrutura *círculo* (inserção) e *afeto* (*páthos*). Assim sendo, numa possibilidade vital-existencial eu não entro, pois não estou fora, mas sempre já dentro (círculo, inserção, afeto — sempre já tocado e tomado por). Possibilidade, assim, tem ou é a forma, a estrutura da *mônada* leibniziana, isto é, sem porta e sem janela, seja para entrar, seja para sair. Como diz Leibniz a propósito da *mônada*, nela se entra e dela se sai somente “mit einem Schlag”, isto é, “com uma porrada”. “Porrada” é um modo, não muito canônico, para se dizer salto, súbito, de repente. Quando se vê, já foi, já era! Então, trata-se, não de entrar, de vir para dentro (pois não há *fora* da vida, *antes* da existência humana), mas, antes, de *acordar*, de *despertar* para a possibilidade ou o poder-ser que se é, na(o) qual já se está, na(o) qual *sempre* já se esteve e *sempre* já se foi. Neste acordar ou

5. Observe-se que, como expusemos acima, para o grego, tal aconteceu ou irrompeu com a irrupção do pensamento, da *filosofia*, segundo nossa menção e breve comentário, acima, do fragmento 112, de Heráclito. E isso marca a *fundação* de *Europa*, do *Ocidente* — mesmo e sobretudo da *história*. Não da historiografia. Tem-se aí e assim a própria *fundação*, o próprio *começo da história* — não da historiografia. História, aqui, está sendo entendida como a realização de um envio, como o cumprimento de um destino, como a realização ou concretização de liberdade *para*. Mais uma vez, porém, não é da história de um povo o nosso tema, agora e aqui.

despertar está o *abrir-se para a possibilidade própria* ou o abrir-se para a abertura que se é, ou seja, ser *realmente* possibilidade de e para possibilidade.

7. O homem é possibilidade de e para possibilidade. O homem, enquanto liberdade, no sentido de livre para (i.é, aberto a, propenso a, ou seja, ser um poder ser) e que, então, se revela como possibilidade de e para possibilidade — bem, este é o homem que não há, quer dizer, o homem que não é encontrável, detectável para provar e comprovar a definição, a formulação. Nenhuma pesquisa de campo, arqueológica ou paleontológica, jamais vai dar conta desta proposta. Pois tal homem seria o *primeiro homem*. Não se está à busca do primeiro homem, pois este não há. Jamais houve. Não pode haver. O homem, que é a realidade da liberdade como possibilidade de e para possibilidade, é o *puro* homem, o homem *essencial*. E este não há, não existe aí disponível como coisa, como osso, esqueleto, crânio, resíduo paleontológico, material arqueológico.

Assim é, pois o homem, viu o grego no nascer e com o nascer do pensamento, da filosofia, é o *vivente político*, quer dizer, sempre já numa ou desde uma *polis*, ou seja, sempre já num ou desde um *mundo*. *Inserido* ou em *inserção*. E isso quer dizer, vivendo ou existindo sempre já num mundo, isto é, *desde, a partir* de significações, instituições, valores, de *cultura*, enfim, sempre já numa história, *desde uma história*, pois sempre já atravessado de e por *estórias*. E isto significa ainda que, em sendo sempre já em um mundo sob a forma de inserção, o homem, todo e qualquer, já é ou já está sempre constituído, definido ou determinado como este ou como aquele homem particular ou especificamente. Sendo ou vivendo em inserção, o oco, o buraco que é o homem (= a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade) já está sempre preenchido, *entulhado*. Só assim acontece, dá-se homem, vida ou existência humana. Este modo de ser na e como *inserção* (= no ou num mundo e *como* mundo) é a explicitação e a fundamentação *metafísica, ontológica*, da definição do homem como animal ou vivente político.

8. O homem, de algum modo, então, pode, precisa despertar e saltar para fora deste impessoal, deste *a gente*, que marca o *político*, ou seja, a vigência e dominação da *pólis*, entendida aqui como a vigência ou a dominação do coletivo, do social, do público ou da opinião pública. Visto desde a dimensão, a *altura* de vida ascendente ou criadora, isso é tudo e, ao mesmo tempo, é nada, nenhum, ninguém. O indeterminado, o amorfo. A plasta — *a gente diz, a gente pensa, a gente faz, a gente...* O homem pode e então precisa despertar, acordar e assim saltar para fora e para *além* deste indeterminado e amorfo, pois o homem pode, e então, de algum modo, precisa acordar, despertar para um modo de ser

próprio, para uma possibilidade própria. Mas o que é isso? Há isso?

Desde e como salto, i-mediatidade, o homem se faz vida enquanto e como o aparecer, o dar-se e o fazer-se de si, a partir de si, para si. Este “si”, vimos, em sendo salto, imediatidade, está, porém, sempre já falando *de* e apontando *para* transcendência. É assim que vida acontece como movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo. Isso, a saber, desde si mesmo mover-se a si mesmo — isso constitui, isso é propriamente vida. O despertar para uma possibilidade, que se mostrará como própria, necessária, é o abrir-se para uma força, uma dimensão ou uma possibilidade (poder-ser) própria da vida, constitutiva da existência. Pode-se também dizer: um *verbo* do e no existir ou viver, no qual, desde o qual e como o qual, em ação e como ação, a vida, a existência, vem à tona e à fala. Concretiza-se, realiza-se. Acontece, faz-se, dá-se. *Verbo* fala, pois, da dimensão constitutivamente *verbal* da vida, da existência, isto é, vida ou existência se faz, só pode se fazer desde e como ação, atividade — *verbo*. Ação, atividade — este é seu caráter ontológico, sua cunhagem ou sua consistência de ser. Assim vida será, sempre, geração e gênese.

Este abrir-se *para*, melhor, *despertar para* é nascer ou despertar para um próprio, quer dizer, para uma identidade. E isso acontece e se realiza à medida que se desperta, que se nasce para a dimensão criadora da vida, da existência. Dimensão criadora, isto é, aquela em que, mais uma vez, vida se faz realmente vida, a saber, movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo e, assim, forja um próprio, cunha uma identidade. Ver-se-á, como gratuidade e gratidão. E como é, e como se faz a ação, que caracteriza a atividade criadora?

9. Acordar, despertar para uma possibilidade. Uma possibilidade, que se mostrará como necessária e própria. Como isso? Vamos a um *intermezzo*.

Certo dia, na Mancha, aconteceu a um certo e vago Alejandro Quijana, ou Quisada, ou Quijada — sabe-se lá! — que, de tanto ler livros de cavalaria, *secou-se-lhe o cérebro*. Ele *pirou, virou*, e, então, *meteu-se-lhe* na cabeça a ideia de *tornar-se* cavaleiro andante. Nascia assim (com a morte do vago, do indefinido Quijana, ou Quisada, ou Quijada) o ipssíssimo *Don Quijote de la Mancha*. Era como que um rascunho a ser completado, reticências a serem preenchidas. Mas, ainda assim, encheu o peito e disse, pôde já dizer: “Yo sé quién soy!” Ênfase, sinceridade e humildade tais, que Sócrates, meio ruborizado, até cala...

Em outro quadrante do globo e da vida, *coisa* descrita em *Grande Sertão: Veredas*, um certo menino, atravessando certo dia um certo rio, superou culpa e medo, doenças mortais, em ganhando *inocência*, isto é, *coragem e alegria* na, para a vida, assumiu a graça do *balango das águas*, isto é, a graça do jogo da vida-sem-

querer, e assim *amanheceu sua aurora*. Nascia aí, também como rascunho, como *esboço-proposta*, Riobaldo, um destino, um envio, uma história a se cumprir, a preencher-se, para fazer acontecer e cumprir o *Urutu Branco*.

Segundo o testemunho de Rilke, certa vez, ouviu-se Rodin dizer: “Je commence à comprendre — e isso porque empenhei-me e apliquei-me seriamente com uma só coisa. Quem compreende *uma só coisa*, este realmente compreende, pois em tudo estão as mesmas leis. Aprendi a escultura e eu bem sabia tratar-se de algo grande. Lembro-me, agora, que, quando da leitura de *A Imitação de Cristo*, especialmente no terceiro livro, por toda parte, onde estava escrito *Deus, lia, li escultura*. Eu estava certo, procedia.”⁶ Nascia, despertava assim o *escultor*, o *ipsíssimmo* Auguste Rodin. Esculpir é preciso, viver não é preciso...

Alguém, ainda em certo dia, escreveu num “Diário”: “Sonho. Eu voava, viajava para casa, onde começo é... Pois eu era, sim, lá, onde o começo é.” Isso foi em 1906. A *casa*, o *começo*, claro, é a *casa-lar-pátria-pintura*. Na sequência da viagem, no mesmo instante ou átimo, em 1914, errando por Túnis, é dito: “Deixo o trabalho de lado. Algo pulsa fundo e doce em mim adentro. Sem aplicação apressurada. *A cor me tem. Não preciso mais correr atrás dela. Ela me tem para sempre. Sei*. Este é o sentido da hora feliz: *Eu e cor somos um. Sou pintor*.”⁷ É preciso advertir-se que, quando Klee diz “sou pintor”, isso não é uma revelação que o leva a cruzar os braços e *deitar num berço esplêndido*, isto é, não precisar nada mais fazer, tornar-se um algo parado e inerte, para engordar, vivendo de louros e de dividendos. Na verdade, ao dizer “sou pintor”, impõe-se a evidência de uma possibilidade que abre a tarefa de *fazer-se, de tornar-se pintor pintando*. Agora, sobretudo agora ou a partir de agora, não é mais possível não pintar. Agora, sim, evidencia-se e impõe-se, pintar é preciso *per saecula saeculorum*... É uma ação, uma atividade, uma proposta e um desafio. Um imperativo e um convite incontornável à ação, à atividade, ao esforço e ao trabalho. Conquista. E isso foi só um átimo, um instante. Só o tempo, que é *aion*. Nascia assim o *pintor* Paul Klee. Não. Não foi em 18 de dezembro de 1879, como reza a certidão de nascimento dele. Não. Foi por este tempo, por esta *quadratura*. Pintar é preciso, viver não é preciso...

E ainda quando, em *O velho e o mar*, de Hemingway, nasce, desperta o destino-pescar para Santiago — “nasci para ser pescador”. Um destino inútil, inútil como aquela cangalha de ossos e de homem jazendo à praia, ao final do extra-

6. Rilke, R. M., *Auguste Rodin*, em *Werke*, Band III – 2, Prosa, Insel Verlag, Frankfurt, 1980, p. 444.

7. Klee, P., *Tagebücher*, Verlag M. DuMont Schauberg, Köln, 1957, p. 206 e 307, respectivamente.

ordinário conto. Pescar é preciso, viver não é preciso...

Bem, chega! Fim do *intermezzo*, do testemunho. Voltemos à coisa e deixemos estes *documentos*, estas *fontes e dados*, de lado.

10. Acordar, despertar para uma possibilidade. Uma possibilidade própria, que se mostrará necessária. Acorda-se, desperta-se, então, para um imperativo vital, para uma necessidade. Possibilidade vital é algo que se mostra como sendo o que precisa ser realizado. Mas uma tal possibilidade, apesar de súbita, não se abre sem mais nem menos...! Ela acontece, em geral, desde uma longa espera. Espera e escuta, isto é, empenho, esforço — busca. Sim, trabalho. Então não é súbita, não é salto?!... Uma estranha busca, pois ela já se faz desde e a partir *disso* que se busca. Ou seja, de algum modo, a saber, graças ao salto (!), ao súbito ou i-mediato (!), já se está *nisso*, a saber, na possibilidade, para o que (a qual) se orienta, *nisso* que se busca. Este *de algum modo*, como já dito, se esclarece graças ao desconcertante do começo que não começa, isto é, do salto, ou seja, pelo fato que, desconcertante ou paradoxalmente, sempre já (aí, sim, o salto, o súbito) se está *nisso* que move e promove a busca — a escuta e a espera. Até porque, se assim não fosse, tal *busca* não teria como se fazer, se realizar. Tome-mos, por exemplo, a referência que se fez a Klee. *Agora deixo isso de lado*, diz ele. Quer dizer, *agora*, de repente, não corro mais atrás da cor. *Agora*, de repente, não corro mais pressuroso atrás da cor — *agora* deixo a busca, a *pesquisa*. Mas *agora* quer justamente dizer: *agora, depois de muita busca*, de muito esforço, de muito empenho e *sempre já movido e promovido justamente por isso, a saber, pela própria cor, que busco...* Então, já movido e promovido pela própria cor. Entenda-se: pela *essência*, pela *força-pintura* — já pela própria pintura, pelo próprio pintar. *Agora, posso* deixar de correr atrás, de pesquisar e, estranhamente, a cor vem até mim. Ela vem ao meu encontro. *Agora*, mais do que nunca, paro, escuto, espero e ela, a cor, acontece, dá-se, faz-se. E isso acontece justamente porque, desde a insinuação e a promessa, dá-se ou deu-se a disposição de espera, de escuta. Sem pressa, sem correria, sem sofreguidão. E é dito, então: “Sou pintor”. Como dissemos, *agora*, porém, se evidencia que pintura, pintar é uma tarefa, um fazer, um intransferível afazer — nada de inércia, letargia. Um exercício — ação, atividade, realização, concretização deste poder-ser, desta possibilidade (desta *força*, desta *essência*) que se insinua, que se oferece, que convida, que se propõe. Enfim, *que se abre*. Sou pintor — logo, pintar é preciso; viver não é preciso. Pintar, pintar e pintar. Sou esta possibilidade de ser, que *só se faz, só poderá* se fazer no pintar, como pintar, enfim, pintando. Sim, *agora* pintar é preciso.

11. *Algo* por realizar, por fazer. Sim, é preciso fazer. E tal possibilidade

dirige, rege o fazer. Tal possibilidade *orienta* a ação, isto é, *põe a ação ou a atividade no seu nascente, na sua gênese, a saber, a possibilidade*. Há que lançar-se, entregar-se a este afazer, a este quefazer. Põe-se, impõe-se *reorientar-se* na ação, na atividade e, para tanto, faz-se necessário empenho, esforço. Dedicção. Aplicação. Sim, trabalho. Mas como? Qual a dinâmica, a estrutura que rege, que comanda, melhor, que *orienta* esta ocupação, este fazer, este *trabalho*?

Uma vez aberta, evidenciada a possibilidade, lanço-me à ação. Quando me lanço, ao me projetar para este porvir (o futuro, o por-vir), *faço-o, só posso fazê-lo* já movido e promovido pelo que já se deu, já se abriu ou se revelou (*isso* para que *despertei* — isso quer dizer *abrir-se*) como precisando ser, a saber, a possibilidade, o poder-ser — o princípio, o fundamento, a origem ou gênese. O *orienta*. Sim, *é isso*, este modo de ser, que convida, promove, até instiga e açula — movimento *para*. Estranhamente, paradoxalmente, o que move e pro-move é um *passado*, que sempre já se deu — isto é, enquanto possibilidade ou poder-ser, que sempre já se abriu, que, como tal, sempre já *aconteceu*. Estranhamente, ainda, avanço, vou adiante, *futurizo* minha vida à medida e *só* à medida que *volto*, que *recuo*, isto é, que tomo, ou seja, que re-tomo a possibilidade que se deu, que se abriu ou se revelou e, assim, me move e me pro-move. E isso se cumpre, se evidencia como realizado e concretizado *aqui, agora, hic et nunc* — isso e assim me alegra! E assim vai se cumprindo o *desde teu modo próprio de ser, desde tua possibilidade própria (= experiência), vem a ser, torna-te o que (quem) tu és*. Assim se cumpre *destino*, isto é, *envio*, isto é, *história*. Sim, “proveniência é sempre porvir”⁸. O esclarecimento, o entendimento desta afirmação está na compreensão de “proveniência” como possibilidade, poder-ser subitamente irrompido (= doação, dádiva), que é insistentemente retomada(o) e, na retomada, lançada(o), projetada(o). Cunha-se, forja-se assim um destino, uma história, enquanto e como destino, história de liberdade, isto é, de livre ou aberto (disposto a, propenso a) para... a possibilidade, o poder-ser que sou, que preciso ser, e que insistentemente se altera, se diferencia, assim se transformando no mesmo e como o mesmo. A possibilidade, o poder-ser, é o mesmo que, em si mesmo e desde si mesmo, se altera, se transforma, se diferencia. E liberdade, assim, é submissão à necessidade, ao destino — ao envio. Liberdade aristocrática, a saber, sob a lei. O jugo é doce. Assim e só assim acontece criação, dá-se vida criadora, enquanto exercício de liberdade.

8. Cf. Heidegger, M., “Herkunft aber bleibt stets Zukunft”, em *Unterwegs zur Sprache*, Neske, Stuttgart, 1979, S. 96. *De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador*, em *A caminho da linguagem*, Vozes, Petrópolis, 2003, pág. 79, trad. E. C. Leão.

12. Melhorando, escandindo mais: proveniência é porvir. Não de coisa, de dado, de fato, mas sim de poder-ser, de possibilidade. Há, sim, volta, retorno, repetição enquanto e como *re-tomada* de força, de vigor, isto é, de *essência* (gênese), que é possibilidade no movimento de sua realização ou concretização. Origem, a possibilidade ou o poder-ser subitamente irrompida(o), se re-originando. Tal movimento ou dinâmica de transformação, de auto-transformação, na projeção e como projeção, é *alteração, diferenciação*. Quer dizer: movimento ou dinâmica de *vir a ser outro enquanto e como o mesmo, a saber, o possível, o poder-ser, a possibilidade — a força*. Repetida, re-tomada, é a força, que, então, se altera, se diversifica (se *transfigura, transforma*) em se concretizando. A possibilidade (tal como o *lógos*, em Heráclito — mas ela é *lógos!*) é o mesmo que em si mesmo e desde si mesmo se altera, difere ou se transforma — em *eterno retorno*. É um acontecimento de tempo (história) e liberdade. Esta dinâmica ou movimento de transformação/alteração do mesmo não é outra coisa senão o tempo se fazendo tempo ou se temporizando. O tempo, isto é, o *fundo sem fundo (o abisso)*, a *substância insubstancial* da vida, da existência humana. E o tempo se faz tempo, se temporiza, como o lançar-se ou projetar-se (futuro, porvir) do *velho, do antigo* (passado), sempre já irrompido e *acontecido*, a saber, a possibilidade ou o poder-ser fundador, inaugural (= força, *essência*), e que se evidencia *como tal* na e como concretização/realização, ou seja, aqui e agora, *hic et nunc* (presente). Sim, é vida se *futurando, se futurizando* (fazendo-se por-vir), desconcertante e paradoxalmente, enquanto e somente enquanto volta (retorna e retoma) e *porque* (graças a) volta (retoma) e, então, assim e por isso (graças a) se realiza, se concretiza. O ir adiante, o lançar-se ou projetar-se (futuro, porvir), a volta (o retorno ou retomada do possível ou da possibilidade enquanto e como possível ou possibilidade, i.é, o *passado* ou o irremediavelmente *sempre já sido*) e o realizar-se ou concretizar-se agora e aqui (presente) — *isso* constitui-se num *único e mesmo ato, um único e mesmo instante*. Vida, existência histórica, enquanto e como a criação ou a *escultura, a cunhagem* de um próprio, de uma identidade, é o retorno, a repetição ou a retomada deste ato, deste instante. Assim cabe ver, entender a fala de Nietzsche de eterno retorno⁹. O é de força, de possibilidade sempre já irrompida (e não de coisa, de dado ou de fato) — a *força* (essência,

9. Assim cabe entender, em Nietzsche, eterno retorno enquanto e como *vida ascendente*, isto é, criação (vida criadora). Há igualmente eterno retorno enquanto e como vida decadente, descendente — enfim, enquanto e como niilismo, em todas as suas formas ou configurações possíveis. Isso é só uma nota, mas não é tema e questão aqui e agora. Ainda à guisa de nota: vida não pode ser *retorno, repetição ou re-tomada* — seja no modo de ser *ascendente (criação)*, seja no modo de ser *descendente, decadente (niilismo)*. Em outros termos: vida não é e não pode ser *evolução, progresso infinito*, escancarado, inflacionado. Isso e assim é o frouxo.

gênese), que sempre já se deu, que sempre já aconteceu ou se abriu.

Foi dito: movimento de transformação e esta enquanto e como alteração, diferenciação. Isso é importante, decisivo, pois aqui, assim, o que importa, portanto, o que leva para dentro da *coisa* e, então, pesa e decide não é *evolução*, *progresso*, mas *alteração*, *diferenciação*. Sobretudo, jamais há meta, *objetivo*, fim pro-postos ou pré-fixados — atitude ou postura esta que instiga, açula a ideia de progresso (ou evolução) infinito(a), isto é, *lasso(a)*, *frouxo(a)*. Aqui e assim, pois, nenhum fim ou meta (objetivo) posto(a), proposto(a) ou fixado(a) *fora*, *além* do possível aqui e agora, i.é, da possibilidade finita, é vida, é existência enquanto e como a satisfação, quer dizer, a plenitude e a *perfeição* do e no finito, do e no limite, a saber, o possível, a possibilidade na sua temporização. Assim, *por isso*, o que importa é *transformação enquanto e como alteração ou diferenciação* e estas não como evolução, progresso (engorda na e como cobiça e furor de infinito, a gula do mais e mais e mais...), mas como intensificação, agravamento e *espessamento* (compactação) da própria possibilidade, do próprio poder-ser, que se revela destino, envio. Liberdade *para*, que é liberdade na e desde a necessidade da possibilidade, do poder-ser intransferível e, tal como doação e dádiva, irrompido desde nada e para nada. Mais uma vez, liberdade nobre, aristocrática, que é liberdade sob a lei, livre sob o jugo, *um* jugo. O jugo é doce, leve. Isso é história ou o expor-se da lei do tempo, do tempo vital, existencial, enquanto e como tempo ou vida ou existência própria. É esta a lei do viver, do existir, enquanto e como apropriação, interpretação, transformação — por nada, para nada. Crescer não como soma, aglutinação, mas como agravamento, intensificação de destino, de envio, de história. Sim, clareza, evidência — do que é e como é desde e como o que pode ser, desde a possibilidade própria. Mais simples, mais sóbrio, mais grave, mais intenso, à medida que mais *econômico*. “Intensidade exige concisão”¹⁰, diz, *vê* Francis Bacon na busca da *forma*, isto é, da gênese ontológica ou da temporalidade da vida, da existência enquanto e como destino, história e liberdade.

13. Foi dito: algo por realizar, por fazer. E, enquanto e como abertura e envio de possibilidade, como se faz, então, ação, atividade? Não é como um sujeito (eu) ativo, agente, que pratica uma ação, a qual se mostra como efeito, resultado — paciente. Neste esquema, o predicativo (sujeito-predicado, ativo-passivo), o sujeito sempre já pré- ou subexiste como dado, pronto, feito e acabado e, assim, *de fora*, age, atua, faz — justo assim e por isso é *sujeito*. Ele, o sujeito, é causa e

10. Cf. Sylvester, D., *Entrevistas com Francis Bacon – A brutalidade dos fatos*, Cosac & Naify Edições, São Paulo, 1995, p. 176.

dono da ação. E tem-se um resultado, um efeito — o verbo, a ação *praticada* pelo sujeito *desinteressado, apático* — *dono* da ação. Ação esta que sequer se volta ou se reverte *sobre o sujeito* alterando-o, transformando-o — só isso e assim é, *seria* história. Ele, porque sujeito, não *precisa* disso... Mas a ação vital, histórica, livre, não se faz, não se dá assim, porém. Vejamos e tentemos descrever, caracterizar.

Acordar, despertar para uma possibilidade — *abrir-se para, tornar-se livre para*. Acorda-se de um sono, de uma letargia. O sono ou a letargia do hábito, do habitual, da vida comum e largada, *grosso modo*, à opinião pública, ao *social*, ao *político*, onde tudo é mecânico e tópico. Não se faz força, isto é, não há esforço. Mas então se acorda, desperta-se para o só, para a solidão — não para introspecção, interioridade e solipsismo, mas para a transcendência de uma tarefa, de um afazer, que *só pode ser minha tarefa, meu afazer*. Isso perfaz destino, envio — livre ou aberto para. Este acordar para o só, para a solidão (a *singularidade*), é o despertar para o imperativo do fazer, do afazer, ou seja, o acordar ou despertar para o imperativo, para a necessidade do limite, da finitude, ou seja, para a necessidade da ação, da atividade — de ser, de precisar e só poder ser um afazer, uma ação própria e necessária, a saber, a possibilidade que se é, o poder-ser que sou. Aqui e agora, sim, há, é preciso que haja *esforço*. Na vigência do público, do impessoal ou do *a gente*, não há esforço, empenho, pois tudo já está feito e pronto no âmbito desta vigência, deste tópico, a saber, o público, o impessoal, o *a gente*. Vida própria, nobre, porém — a saber aquela que tem e é um nome, o *meu*, e não anônima e anômala e amorfa e *plasta ou ameoba*, e assim fora ou para além da horda, da massa ou do impessoal — enfim, vida própria, porém, é esforço, empenho, *trabalho* desde si próprio. *Por isso* é exemplarmente vida, a saber, movimento que, desde si mesmo, move a si mesmo.

Acordar, despertar para uma possibilidade — e como é realmente isso? Acorda-se, desperta-se, porque se é tocado ou tomado por tal possibilidade (força, *verbo* da, na vida ou existência), *que já se é*. Só assim e por isso posso *acordar, despertar*. E *já se é, já sou* tal possibilidade, por ser esta uma possibilidade do homem (e só do homem!) e, é o caso, sou homem! Então, em se sendo homem, se é a possibilidade de ser tomado por uma possibilidade. E, claro, óbvio, se é tomado ou tocado (acometido, *afetado*) por esta ou por aquela possibilidade, porque, em sendo homem, se é *tomável, tocável, acometível ou afetável*, quer dizer, *aberto a ou para*. Exposto, disponível, receptível — capaz ou apto a receber ou ser afetado *por*. Isso é o próprio, o *específico* do homem, a saber, ser apto *a* ou aberto *para* e, então, ser possibilidade *de e para* possibilidade. Portanto, este óbvio, este evidente, ou seja, ser tomável, tocável, afetável — isso,

na verdade, é extraordinário. Absolutamente extra-ordinário. *Coisa* do homem e só do homem.

Nesta situação, evidencia-se que sou um *algo*, ou seja, um poder e precisar ser (portanto, *algo* nenhum, *coisa* nenhuma) que serei, que só posso ser ou vir a ser *se fizer*, isto é, se me lançar à ação, ao *por fazer* ou *afazer que*, enquanto e como *possibilidade* ou *poder-ser*, *sou e preciso ser*. Sou, na verdade, uma tarefa e, assim, um destino, quer dizer, o envio deste e para este afazer, desta e para esta tarefa — em fazendo e porque fazer, isto é, porque *sou um precisar fazer*. Agir, lidar, fazer o *necessário* é preciso — *viver*, o *puro* viver não é preciso, não é *possível*! Afinal, é possível ou é necessário? Na vida, na existência, não se faz esta disjunção lógica, não há tal contingência, pois na vida, vital ou existencialmente, o possível (a possibilidade vital, existencial) é necessário, não pode não ser. Evidencia-se, então, para mim: *é, sou, se faço*; sou um precisar fazer o poder-ser que sou. Isso e assim, sim, é ser vital ou existencialmente (ontologicamente) *homo faber*. Mas de novo, como se dá ou se faz aí e assim o fazer? Não é ação *sujetiva*, isto é, de *sujeito*. Como?

À medida que sou *aberto*, isto é, tocável ou afetável, a possibilidade (o *verbo*, a *força*), em me tocando ou tomando, evidencia-se como o que me sobrevém. Importante, decisivo: este é um acontecimento desde a superação, desde o ultrapassamento do impessoal, do *a gente*, isto é, da *decadência* que o homem, no viver ou existir, imediatamente ou sempre já é. E esta *sobreveniência*, este acometimento — um ou o *salto*, mostra-se assim ser um acontecimento de *transcendência*. É evidente, pois: eu não sou a causa disso, não sou o *dono* deste acontecimento, deste acometimento e, claro, nem do *acontecido*, do *acometido*. Sou lugar, hora, destinatário ou mesmo *depositário* de tal acontecimento-possibilidade-força-verbo. Serei a *passagem* do fazer-se deste fazer, *desta* ação, *desta* possibilidade ou poder-ser. Vou ser *usado por isso*. Como?

A força, o verbo, o poder-ser ou a possibilidade vital, existencial, por ser vida, é *aparecer*, é *ex-por-se*, isto é, vir à luz à medida que se realiza e *porque* se realiza ou concretiza. E por que vida é *ex-por-se*, vir à luz, *aparecer*? Não há *porquê*: é, dá-se, faz-se, acontece. Há. Puro acontecimento, pura doação. Puro, isto é, *tão só* acontecimento desde nada, para nada — doação, gratuidade. Irrupção súbita, para fazer uso do pleonasma. Como tudo que se dá em presente e dádiva, sem *porquê*, sem para *quê*. E o homem é o único lugar e hora possíveis de tal extraordinário acontecimento — isto perfaz sua excelência, sua imparidade, sua *identidade* ou *próprio*. O homem é a terra fértil, na qual *caiu* a semente poder-ser, possibilidade (força, verbo) — ou seja, ser o fazer-se de *aparecer*,

dar-se. O nome desta *terra fértil*: a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade. Um oco. Um oco cheio. Cheio de promessa de ser.

14. Neste contexto, nesta situação, cabe entender a ação, o fazer como “consumar”, isto é, como “conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua essência. Levá-la a essa plenitude, *producere*”¹¹. Uma *essência* está dizendo uma *força*, um *verbo*, uma *dimensão* ou um *modo de ser* de vida, de existência. Nesse sentido, essência diz *gênese*. Poderia ainda ser dito, no nosso contexto, uma *possibilidade* — levar, *desdobrar* uma possibilidade à sua cumulação ou à sua *perfeição*, isto é, ao seu *perfazimento*. E possibilidade (força, verbo, essência) entendida sempre enquanto e como *transcendência* ou o que irrompe e toma ou acomete como *transcendência* — como *sobrevir*. Aqui e assim, agir, fazer (“das Handeln”) — o levar ou *desdobrar* (“entfalten”) uma essência ou força (possibilidade) à sua plenitude ou *perfeição* (“das Vollbringen”, “die Fülle”), se dá como *deixar ser*. E *deixar ser* não é indiferença, apatia, mas... Mas o quê? Como? Um agir, um fazer, que, em se realizando enquanto e como deixar ser, é regido por *escuta e espera*. Melhor, um deixar ser que é um fazer *desde* escuta e espera. E escuta e espera, aqui, não se definem como apatia e/ou indiferença ou como ativo e/ou passivo. Aqui, escuta e espera configuram-se como um modo de ser estranho a esta cunhagem biunívoca e disjuntiva — *ou* ativo *ou* passivo; *ou* agente *ou* paciente; *ou* causa *ou* efeito. Mas como é realmente isso? Tentemos descrever. Descrever fenomenologicamente e, assim, esclarecer. Descrição fenomenológica é descrição ou exposição da gênese do fenômeno (*isso* é essência) — da *coisa* em questão. Assim e por isso genuína ontologia.

15. Levar, *desdobrar* (“entfalten”) e assim explicitar ou *expor* uma possibilidade, i. é, uma *força* ou uma *essência*, à sua plenitude, cumulação ou *perfeição*. Assim, nesta estrutura ou *forma*, é preciso ver-se e entender-se o cumprir-se de: desde tua *experiência própria* (força, possibilidade, poder-ser), vem a ser, torna-te o que (quem) tu és. Este vir a ser, então, antes de ser uma ação, uma atividade de um sujeito-agente constituído (= causa), se faz como uma *auscultante* entrega à transcendência (a entrega a, o abandono a — isso é a escuta, assim dá-se, acontece escuta), isto é, a *isso* que veio, sobreveio e assim se pôs, se impôs. Esta ação, assim em entrega e desde entrega, se revela ser um seguir, um obedecer (mais uma vez, é isso a escuta — obedecer desde/como “ob-audire”, isto é, por causa do ouvir, em consequência *de* ou graças *ao* ouvir) ao que vem, sobrevém, se põe e se impõe. Melhor, ao que veio, sobreveio, então, se pôs e se impôs.

11. Cf. Heidegger, M., *Sobre o humanismo*, Tempo Brasileiro, Rio, 1967, p. 24, trad. E. C. Leão.

Esta entrega, assim desde e como escuta, constitui um modo de ser tenso — uma real tensão vital e jamais apatia, letargia, o lasso da indiferença. Isso, esta tensão vital, é a escuta — uma entrega *de corpo e alma*, costuma-se dizer. Toda. Isso, na verdade, perfaz *corpo*. Escuta e espera — a espera que é um pôr-se, dispor-se *atento, tenso* à escuta (à entrega) *disso* que se põe e se impõe, a saber, a experiência, a força, a possibilidade, que lança, inaugura um movimento, uma *viagem*, enfim, uma história, à medida que um *livre* (aberto, disposto, propenso, *despertado*) para este poder-ser ou experiência (*toque, afeto, páthos*). É nesta configuração, de escuta, que é espera, como tensão vital, que se lê, em algum lugar de Guimarães Rosa: “A espera é um à toa muito ativo”.

Mas atenção, cuidado! Esta exposição, querendo chegar à nervura ou textura da ação, está muito séria, muito dramática e mesmo patética. Não vá se pensar que “o cara” estará o tempo todo “ligado”, como se fora um tenso e afanoso exercício de consciência, de *responsabilidade e de dever*. Não. Isso, este modo de ser aqui em questão, é o exercício de uma vida que, na verdade, assim entregue, mesmo jogada e abandonada à necessidade de uma ação, *corre solta, largada, alegre, jovial* — *despojada e desprendida*. É assim que “sentir é estar distraído”, no dizer de Fernando Pessoa, na versão A. Caeiro (“O Guardador de Rebanhos”). Se, porém, fosse assim “consciente e responsabilmente *ligado*”, o *viver*, a ação, jamais seria escuta e espera, mas controle de consciência, que, por fim, é levado à insônia e ao desespero. É um *ligado*, sim, mas *frouxo, bambo, à toa*, ao sabor e à mercê da vida sem porquê, *porém necessária*. É ela quem decide e dá a *hora*. Aqui se trata, sim, do sério, do grave — do grave e do sério na vida, na existência de um homem *maduro*. E como é isso? Nietzsche responde: “Maturidade, madureza do homem — isso quer dizer: ter reencontrado a gravidade, a seriedade (“den Ernst”) que se tinha quando criança brincando, jogando”¹². Este é o fundo, o lastro da tensão vital aqui em questão.

16. A ação, a atividade, que se faz desde e como escuta, a qual é igualmente espera e cuja articulação se revela uma *solta* (!), *largada* (!) tensão vital — esta ação funda, inaugura realidade, a realização de realidade, enquanto e como um *deixar ser*. Mais uma vez, expliquemos, esclareçamos.

Estamos falando da ação criadora, de criação, que é o exercício de liberdade como o concretizar-se do tempo, que é história. E atividade criadora, criação, acontece exemplar ou paradigmaticamente na arte, como arte. E aqui, agora, tomemos o exemplo, a descrição/formulação de Klee. Em um estrato de seus

12. Cf. Nietzsche, F., *Além do bem e do mal*, III, nr. 94.

escritos, para falar da atuação do artista, de sua *lida*, ele faz uso de uma alegoria, de um *símile* (“*Gleichnis*”), que ele chama “o *símile da árvore*”. Diz ele que o artista, tal como todo bom cristão ou comum mortal, precisa lidar com o “mundo multiforme da natureza e da vida”, no qual estamos todos lançados, jogados, sem aviso, sem prévia licença ou consentimento. O que distingue o artista do outro mortal comum, porém, diz Klee, é que ele lida com a situação com seus próprios meios, sua própria capacidade de cunhar reais configurações *redentoras* — e não os *meios, os recursos ou expedientes do a gente, do público ou do impessoal*. Meio que considerando a *árvore da vida*, ele compara o artista, que assim, desde si próprio, aprendeu a se *orientar* no mundo multiforme, no ramerrão do dia a dia, às raízes da árvore, através das quais fluem os *sucos*, a seiva da Terra, do *escuro da Terra*. Assim, o artista, na verdade, ocupa o lugar do tronco — verdadeiramente por onde fluem estes *sucos*, estas *seivas*. E ele, então, o artista-tronco, *encaminha* este fluxo vislumbrado para a obra — a *copa da árvore*, sua *folhação e floração*. Essa irradiância, esta iridescência é, na verdade, o brilho do escuro da Terra, que então se fez obra. Ninguém, diz Klee, “pensaria em exigir da árvore que produzisse uma copa exatamente igual à raiz”. Esse “não igual à raiz”, *ao fundo escuro da Terra*, constitui a própria obra de arte em suas “deformações formais” — o trabalho do artista, o cunho da obra de arte. Por isso, o artista aparece até como falsificador, impostor, mentiroso. O *bom cristão* o vê assim. Klee, fechando este *símile*, diz: “Contudo, ocupando o lugar que lhe cabe — no tronco da árvore — tudo que ele (o artista) faz é recolher e encaminhar aquilo que vem das profundezas da Terra. Nem servir (no sentido de se submeter, fazer-se servo e sobretudo servil) e nem dominar (i.é, subjugar, coagir): apenas *mediar, intermediar* (“*vermitteln*”). Ele (o artista) assume uma posição realmente humilde. E a beleza da copa não é ele mesmo, *ela apenas passou através dele*”¹³.

O que se quer marcar é que a ação, que se faz desde experiência, escuta e espera, se caracteriza, seguindo Klee, por *humildade, (inter)mediação e/ou passagem*. A ação, respectivamente a *obra, passa pelo autor*. Esta é sua humildade, pois ele *deixa a ação (obra) ser, vir a ser*. Quer dizer, a rigor, não há autor, agente, causa, sujeito. E nisso não há indiferença, apatia, mas uma extrema tensão, extrema intensidade, que é o *fazer-se ou tornar-se passagem enquanto e como deixar ser*. Aí e assim acontece escuta, sobretudo. É um modo de ser que não é regido por *ou ativo ou passivo; ou agente ou paciente; ou causa ou efeito*. Esta tensão, que

13. Cf. Klee, P., *Sobre a arte moderna e outros ensaios*, Zahar, Rio, 2001, pág. 51/53, trad. Pedro Sússekind.

é passagem e deixar ser em se entregando e abandonando-se à *coisa*, é tensão justamente porque é escuta e espera, a saber, à escuta e à espera do fazer-se de experiência pela qual se é tomado e que, uma vez tomado, *abre* um movimento, uma viagem, um *história*, enquanto e como exercício de liberdade, isto é, o exercício do livre ou aberto para... a própria experiência (*páthos*, afeto), que se faz, que vem a ser. *A espera do inesperado*. O *autor*, na verdade, se faz usado, *usável*; ele, desde/como escuta/espera, *se deixa* usar pelo modo de ser (a experiência, o *verbo* do/no viver ou existir). Nesta forma ou estrutura, faz-se o movimento, a obra e, ao mesmo tempo, o *autor*, o *criador* — o que, então, inevitavelmente, se costuma chamar o sujeito da ação. O criador, o autor, é feito pelo fazer. Melhor, pelo fazer-se do fazer que nele acontece. Isso, sobretudo, isso é história, isto é, o instaurar-se de uma *substância* — o tecido, a textura tempo¹⁴. “Que cada uno es hijo de sus obras”, diz, proclama o Quixote. O *autor* não pré-existe ou sub-existe à obra — ele não *faz* a obra. A insistir neste esquema, antes, é preciso dizer: ele é feito pela obra. Machado de Assis, p. ex., não fez, não é o *autor* (agente, sujeito) do *Brás Cubas*. Não. Ao contrário, ele foi feito pelo *Brás Cubas*. É desde o escrever (*páthos*, experiência, *verbo*) que se faz, que vem a ser, que se torna o escritor. O escritor é filho de sua obra, do escrever. É no pintar (*páthos*, experiência, *verbo*) e pelo pintar ou *graças ao pintar* que se faz o pintor — ele, como sujeito-pintor, não pré- ou sub-existe ao pintar, enquanto o agente ou a causa do pintar. Assim (como/desde experiência, escuta e espera) Klee, um dia, pôde dizer: “Sou pintor. A cor vem até mim — ela me tem. Este é o sentido da hora feliz: eu e cor somos um”. “Pintura, pintar — usem-me, faça uso de mim”, está subdizendo Klee. Por isso e assim, ainda, Cervantes disse que o Quixote agiu, *fez* suas histórias e aventuras e ele, Cervantes, o *autor*, *só anotou*¹⁵. É como se Cervantes dissesse: “Quixote, estou aqui! Use-me, faça uso de mim. Presto-me a isso. Entrego-me, abandono-me a isso. Sou/estou à tua mercê”. Tudo isso é obra de experiência, de escuta e de espera, que põe ação enquanto e como humildade, (inter) mediação, passagem.

Neste contexto ainda, seria extraordinário acompanhar Flaubert, em sua correspondência¹⁶, e vê-lo disciplinando-se, tiranizando-se, para não colocar nada, absolutamente nada seu, da sua *pessoa* ou subjetividade, em *Madame Bo-*

14. Dá-se, dar-se-ia esta mesma estrutura ou forma quanto à *história de um povo*? Um *povo* seria assim *passagem* de/para um *destino/envio*? *Precisa* um povo ter/ser um destino, um envio, enfim, um *próprio*? Fica a pergunta.

15. Cf. *Don Quijote de la Mancha*, II, cap. LXXIV (final), onde Cervantes escreve: “Para mi sola nació Don Quijote, y yo para él; él supo obrar, y yo escribir; solos los dos somos para en uno...”

16. Ver *Cartas exemplares – Gustave Flaubert*, Organização, prefácio e notas de Duda Machado, Imago, Rio de Janeiro, 1993.

vary. A obra precisa pôr-se e impor-se — ela, por si e desde si. Ele, Flaubert, o *autor*, se põe, se dispõe no extraordinário esforço e empenho *de*, para deixar ser, enquanto e como (inter) mediador, passagem. Ele é todo humildade. Ele se dá, se entrega à obra e deixa-se usar por ela, para ela. Amém.

17. Voltemos, recapitulemos e consideremos como este modo de ser perfaz história. Ao *acordar*, ao *despertar* para uma possibilidade (p.ex., pintar, escrever ou o que quer que seja *verbo* na/da vida, existência, e que se revela como sendo, precisando ser *meu*, o meu), abre-se um poder-ser que, na verdade, se revela ser um *precisar fazer vir a ser tal poder-ser em fazendo, em agindo, em atuando*. É, há, se se faz, se se cumpre. Não se é nada, *coisa* nenhuma, a não ser a evidência deste oco por fazer, por *preencher* — ser, precisar ser o fazer, o por fazer (a tarefa). Ser, pois, este destino, este envio por cumprir, em se pondo e se dispondo a caminho — no e para o afazer, a tarefa. É nesta e somente nesta dinâmica e graças a ela, isto é, por obra e graça do cumprir-se deste modo de ser, que vai se moldando uma identidade, um próprio — brotando um *eu* pintor, ou escritor, ou... Quer dizer, vai se fazendo o pintor no e desde o pintar, o escritor no e desde o escrever, o atleta no e desde o exercício de sua modalidade, i. é, de seu modo de ser atleta — o fundista, o maratonista. Isso, este modo de ser que irrompe, é obra do tempo se fazendo tempo e o *miolo*, a *substância* do homem que brota, que irrompe deste e neste afazer ou destino (envio), não é nenhuma *coisa* ou *substância*, mas *história*, que é o nome do tempo realizado ou cumprido na ação possível e necessária. Não substância, mas *têmpera* — obra de tempo, o tempero da vida. *Têmpera* ou *intensidade* é também o nome deste *próprio*, desta *identidade* que está se formando, se cunhando e que vai identificar e singularizar um homem, *este* homem — o João-Pintor, a Maria-Escritora, o Francisco-Maratonista.

E, mais uma vez, visualizemos a temporalização deste tempo vital, isto é, não o do relógio, sempre igual, abstrato, homogêneo, mas, sim, o da vida, concreto, transformador — lembrando Proust, que, mais ou menos, disse isso: “Os dias podem ser iguais para um relógio, mas não para a vida de um homem”. Agir, fazer, cumprir o vir a ser que se é dá-se, então, como o *lançar-se* (futuro, porvir) na *possibilidade* por fazer, mas que é a que sempre já *está aí* (passado), como o que de repente ou subitamente se abriu e que se faz, se realiza ou se concretiza *aqui e agora* (presente). Vai-se ao ou para o futuro à medida e só à medida que se volta, que se retoma o passado agora e aqui. Sim, assim, o tempo se tem-

poraliza como futuro que vai ao passado em vindo ao presente¹⁷. E isso é um único e mesmo *ato*, um único e mesmo *acontecimento*, e não o sequenciamento ou a sucessão infinita de *antes* o passado, *depois* o futuro e *agora* o presente. Não. O tempo da realização vital própria, o tempo da criação ou da cunhagem de uma identidade revela-se ser este único *ato*, que pode, precisa ser denominado *instante*. A vida, a existência, assim, passa a ser a insistência ou o retorno, o *eterno* retorno deste *instante*, deste *ato*, que outra *coisa* não é senão a repetição ou a retomada da possibilidade, do poder-ser que sou, que, de repente, abriu-se ou revelou-se como sendo meu, o meu, e que preciso ser, que preciso fazer vir a ser, em agindo, em me pondo em escuta e ausculta e espera no fazer, na ação, na atividade. Este é ainda o horizonte de compreensão e explicitação da fala de Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, que tomamos como epígrafe, isto é, como guia, deste texto. Cheio da evidência de ser um destino e uma liberdade “no dentro do ferro de grandes prisões”, isto é, todo *necessidade e fardo* na liberdade, ele diz: “Me vinha ideia de *tudo só ser o passado no futuro*. Imaginei esses sonhos. Me lembrei do não-saber”¹⁸. Sim, “não-saber”, quer dizer, o inconceptualizável, o irrepresentável deste acontecimento abissal, a saber, o irromper sem fundo, sem porque e sem para quê do poder ser (passado) para o qual um ou alguém se lança (futuro), se projeta e que impõe a cunhagem de um destino, de um *envio*, que sempre se revela concretizado, realizado aqui e agora (presente), como o cumprir-se de *liberdade para*. História. Tempo se fazendo tempo — a tecelagem da vida, *de* vida. Há uma prevalência do futuro, do *porvir*, que se funda no livre ou aberto *para...* a possibilidade própria, que se mostra como o *imemorial* passado, pois *o que* se mostra como o sempre já aí irrompido, revelado e *dentro* ou no *interior* do qual sempre já sou, sempre já estou tomado, *apropriado* — inserção e *páthos*. E parece *sonho imaginado*, completando a citação de Rosa, pois é como o *despertar* desde um estado de sono-sonho (a própria vida, a própria existência em estado de letargia ou sonolência = o público, o social, o *político*) para esta dimensão, para este modo intransferível de ser, a saber, a própria vida, a própria existência, agora, como sendo, como precisando ser tarefa minha, própria — exercício de *minha solidão* (transcendência e não intimismo, interioridade). Aqui e assim, vida se torna maiúscula e exemplarmente vida, pois agora, *só agora*, ela se mostra, se evidencia como movimento que, desde si

17. Cf. Heidegger, M., *Ser e Tempo*, § 68, quando diz: “Zeitlichkeit zeitigt sich als gewesendegengenwärtigen Zukunft”. “A temporalidade se temporaliza num porvir atualizante do vigor de ter sido”, na trad. de Márcia Cavalcante Schuback, Vozes.

18. Cf. J.G.Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, José Olympio, Rio de Janeiro, sexta edição, 1968, p. 218.

mesmo, move a si mesmo. *Psyché*.

18. O surgir, o irromper, o evidenciar-se e impor-se da possibilidade própria — a tarefa, que é a minha, o abrir-se do imperativo “vem a ser o que tu és” — não é nenhum ato mental, intelectual, volitivo. Nada que possa ser identificado com alguma percepção, se tal for entendido como algum ato de consciência, de vontade, alguma representação mental ou conceitual. Tal mostrar-se e iluminar-se (a evidência do imperativo da tarefa) se faz desde e como um ser tomado ou acometido *por* (afeto, *páthos*). Tal acontecimento vem, sobrevém e, assim, toca, toma. E acontece, dá-se, quando se é, quando se está “à espera do inesperado”. Isto é, sem que se saiba como, já em espera e escuta e, desse modo, já à busca. E tal *tomada ou acometimento* é possível graças ao fato de o homem ser o vivente aberto, apto ou propenso a... ser tomado ou tocado *por*. Ele é o vivente que é, que precisa ser definido como possibilidade para possibilidade, isto é, “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade”.

Se tal irromper, aparecer e impor-se não é nenhum ato mental, intelectual, de vontade ou de consciência, então é, seria... corpo?! É-se tentado a dizer isso. Pois mente, espírito, consciência, vontade, alma, etc., etc., — tudo isso é tardio, epigonal. O primeiro, o imediato ou arcaico seria corpo. Corpo seria a hora e o lugar deste aparecer, deste irromper que é, como o mesmo ato e o mesmo acontecimento do ver-sentir-perceber. A *aísthesis* que é *nous* — o único e mesmo ato que é sentir-perceber-ver. O fato é que tal corpo já é igualmente obra deste acontecimento irrompido, explodido — a saber, o dar-se súbito ou imediato (= salto) de vida, de vida humana, de existência. O acontecimento *elementar*, o *elemento*, é a vida, a existência ou o acontecimento-homem. O *medium*. Quando corpo, alma, matéria, espírito, vontade, afeto, instinto, desejo, etc., etc., se dão, o homem, a vida ou a existência, sempre já se deu, sempre já aconteceu ou se abriu. Portanto, tudo isso já é sempre acontecimento de vida, de existência humana, irrompida na e desde transcendência. O elemento. Se se quer: o acontecimento que irrompe, que sempre já irrompeu. “O reine Übersteigung!” — “Ó pura irrupção, ó pura transcendência!”, exclama Rilke, na abertura de “Sonetos a Orfeu”. “Pura”, isto é, sem *porquê*, sem *para quê*, sem *de onde*, sem *para onde*. Gratuidade. *Pura gratuidade*.